

50 ANOS DEPOIS

Francisco Cândido Xavier

EPISÓDIOS DA HISTÓRIA DO
CRISTIANISMO NO SÉCULO II
Romance ditado pelo Espírito
EMMANUEL

Carta ao Leitor

Meu amigo, Deus te conceda paz.

Se leste as páginas singelas do "Há Dois Mil Anos...", é possível que procures aqui, a continuação das lutas intensas, vividas pelas suas personagens reais, na arena de lutas redentoras da Terra.

É por esse motivo que me sinto obrigado a explicar-te alguma coisa, com respeito ao desdobramento desta nova história.

Cinquenta anos depois das ruínas fumegantes de Pompeia, nas quais o Impiedoso senador Públio Lentulus se desprendia novamente do mundo, para aferir o valor de suas dolorosas experiências terrestres, vamos encontrá-lo, nestas páginas, sob a veste humilde dos escravos, que o seu orgulhoso coração havia espezinhado outrora. A misericórdia do Senhor permitia-lhe reparar, na personalidade de Nestório, os desmandos e arbitrariedades cometidos no pretérito, quando, como homem público, supunha guardar nas mãos vaidosas, por injustificável direito divino, todos os poderes. Observando um homem cativo, reconhecerás, em cada traço de seus sofrimentos, o venturoso resgate de um passado de faltas clamorosas.

Todavia, sinto-me no dever de esclarecer-te a

curiosidade, com referência aos seus companheiros mais diretos, na nova romagem terrena, de que este livro é um testemunho real.

Não obstante estarem na Terra, pela mesma época, os membros da família Severus, Flávia e Marcus Lentulus, Saul e André de Gioras, Aurélia, Suplicio, Fúlvia e demais comparsas do mesmo drama, devo esclarecer-te que todos esses companheiros de luta mourejavam, na ocasião, em outros setores de sofrimentos abençoados, não comparecendo aqui, onde o senador Públio Lentulus aparece, aos teus olhos, na indumenta de escravo, já na idade madura, como elemento integrante de um quadro novo.

De todas as personagens do "Há Dois Mil Anos. . .", um contiulo aqui se encontra, junto de outras figuras do mesmo tempo, como Policarpo, embora não relacionado nominalmente no livro anterior, companheiro esse que, pelos laços afetivos, se lhe tornara um irmão devotado e carinhoso, pelas mesmas lutas Políticas e sociais. A Roma de Nero e de Vespasiano. Quero referir-me a Pompilio Crasso, aquele mesmo irmão de destino na destruição de Jerusalém, cujo coração palpitante lhe fôra retirado do peito por Nicandro, às ordens severas de um chefe cruel e vingativo.

Pompilio Crasso é o mesmo Helvídio Lucius destas páginas, ressurgindo no mundo para o trabalho renovador e, aludindo a um amigo dedicado e generoso, quero dizer-te que este livro não foi escrito de nós e por nós, no pressuposto de descrever as nossas lutas transitórias no mundo terrestre. Este livro é o repositório da verdade sobre um coração sublime de mulher, transformada em santa, cujo heroísmo divino foi uma luz acesa na estrada de numerosos Espíritos amargurados e sofredores.

No "Há Dois Mil Anos. . ." buscávamos encarar uma época de luzes e sombras, onde a materialidade romana e o Cristianismo disputavam a posse das almas, num cenário de misérias e esplendores, entre as extremas exaltações de César e as maravilhosas edificações em Jesus - Cristo. Ali, Públio Lentulus se movimentava num acervo de farraparias morais e deslumbramentos transitórios; aqui, entretanto, como o escravo Nestório, observa ele uma alma. Refiro-me a Célia, figura central das páginas desta história, cujo coração, amoroso e sábio, entendeu e aplicou todas as lições do Divino Mestre, no transcurso doloroso de sua vida. Na seqüência dos fatos, dentro da narrativa, seguirás os seus passos de menina e de moça, como se observasses um anjo pairando acima de todas as contingências da Terra. Santa pelas virtudes e pelos atos de sua existência edificante, seu Espírito era bem o lírio nascido do lodo das paixões do mundo, para perfumar a noite da vida terrestre, com os olores suaves das mais divinas esperanças do Céu.

Podemos afirmar, portanto, leitor amigo, que este volume não relaciona, de modo integral, a continuação das experiências purificadoras do antigo senador Lentulus, nos círculos de resgate dos trabalhos terrestres. É a história de um suóZime coração feminino que se divinizou no sacrifício e na abnegação, confiando em Jesus, nas lágrimas da sua noite de dor e de trabalho, de reparação e de esperança. A Igreja Romana lhe guarda, até hoje, as generosas tradições, nos seus arquivos envelhecidos, se bem que as datas e as denominações, as descrições e apontamentos se encontrem confusos e obscuros pelo dedo viçlado dos narradores humanos.

Mas, meu irmão e meu amigo, abre estas pági-

nas refletindo no turbilhão de lágrimas que se re-
presa no coração humano e pensa no quinhão de
experiências amargas que os dias transitórios da
vida te trouxeram. É possível que também tenhas
amado e sofrido muito. Algumas vezes experimen-
taste o sopro frio da adversidade enregelando o teu
coração. De outras, feriram-te a alma bem inten-
cionada e sensível a calúnia ou o desengano. Em
certas circunstâncias, olhaste também o céu e per-
guntaste, em silêncio, onde se encontrariam a Ver-
dade e a Justiça, invocando a misericórdia de Deus,
em preces dolorosas. Conhecendo, porém, que todas
as dores têm uma finalidade gloriosa na redenção
do teu Espírito, lê esta história real e medita. Os
exemplos de uma alma santificada no sofrimento
e na humildade, ensinar-te-ão a amar o trabalho e
as penas de cada dia; observando-lhe os martírios
morais e sentindo, de perto, a sua profunda fé, expe-
rimentarás um consolo brando, renovando as tuas
esperanças em Jesus - Cristo.

Busca entender a essência deste repositório de
verdades confortadoras e, do plano espiritual, o Es-
pírito purificado de nossa heroína derramará em
teu coração o bálsamo consolador das esperanças
sublimes.

Que aproveites do exemplo, como nós outros,
nos tempos recuados das lutas e das experiências
que passaram, é o que te deseja um irmão e servo
humilde.

EMMANUEL

Pedro Leopoldo, 19 de dezembro de 1989.

PRIMEIRA PARTE

Uma Família Romana

Varando a multidão que estacionava na grande praça de Esmirna, em clara manhã do ano 131 da nossa era, marchava um troço de escravos jovens e atléticos, conduzindo uma liteira ricamente ataviada ao gosto da época.

De espaço a espaço, ouviam-se as vozes dos carregadores, exclamando :

- Deixai passar o nobre tribuno Caio Fabricius ! Lugar para o nobre representante de Augusto ! Lugar!... Lugar!...

Desfaziam-se os pequenos grupos de populares, formados à pressa em torno do mercado de peixes e legumes, situado no grande logradouro, enquanto o rosto de um patrício romano surdia entre as cortinas da liteira, com ares de enfado, a observar a turba rumorosa.

Seguindo a liteira, caminhava um homem dos seus quarenta e cinco anos presumíveis, deixando ver nas linhas fisionômicas o perfil israelita, tipicamente características, e um orgulho silencioso e inconformado. A atitude humilde, todavia, evidenciava condição inferior e, conquanto não participasse do esforço dos carregadores, adivinhava-se-lhe no semblante contrafeito a situação dolorosa de escravo.

Respirava-se, à margem do golfo esplêndido, o ar embalsamado que os ventos do Egeu traziam do grande Arquipélago.

O movimento da cidade crescera de muito naqueles dias inolvidáveis, seqüentes à última guerra

civil que devastara a Judéia para sempre . Milhares de peregrinos invadiam-na por todos os flancos, fugindo aos quadros terrificantes da Palestina, assolada pelos flagelos da última revolução aniquiladora dos derradeiros laços de coesão das tribos laboriosas de Israel, desterrando-as da pátria.

Remanescentes de antigas autoridades e de numerosos plutocratas de Jerusalém, de Cesárea, de Betel e de Tiberíades, ali se acotovelam famélicos, por subtraírem-se aos tormentos do cativo, após as vitórias de Júlio Sexto Severo sobre os fanáticos partidários do famoso Bar-Coziba.

Vencendo os movimentos instintivos da turba, a liteira do tribuno parou à frente de soberbo edifício, no qual os estilos grego e romano se casavam harmoniosamente .

Ali estacionando, foi logo anunciado no interior, onde um patrício relativamente jovem, aparentando mais ou menos quarenta anos, o esperava com evidente interesse.

- Por Júpiter! - exclamou Fabricius, abraçando o amigo Helvídio Lucius - não supunha encontrar-te nessa plenitude de robustez e elegância, de fazer inveja aos próprios deuses!

- Ora, ora! - replicou o interpelado, em cujo sorriso se podia ler a satisfação que lhe causavam aquelas expansões carinhosas e amigas - são milagres dos nossos tempos. Aliás, se há quem mereça tais gabos, és tu, a quem Adônis sempre rendeu homenagens.

Neste ínterim, um escravo ainda moço trazia a bandeja de prata, onde se alinhavam pequenos vasos de perfume e coroas da época, adornadas de rosas.

Helvídio Lucius serviu-se cuidadosamente de

uma delas, enquanto o visitante agradecia com leve sinal de cabeça.

- Mas, ouve! - continuava o anfitrião sem dissimular o contentamento que lhe causava a visita - há bastante tempo aguardamos tua chegada, de maneira a partirmos para Roma com a brevidade possível. Há dois dias que a galera está à nossa disposição, dependendo a partida tão somente da tua vinda!...

E batendo-lhe amistosamente no ombro, re-matava :

- Que demora foi essa?.

- Bem sabes - explicou Fabricius - que sumariar os estragos da última revolução era tarefa assaz difícil para realizar em poucas semanas, razão pela qual, apesar da demora a que te referes, não levo ao Governo Imperial um relatório minucioso e completo, mas apenas alguns dados gerais.

- E a propósito da revolução da Judéia, qual a tua impressão pessoal dos acontecimentos?

Caio Fabricius esboçou um leve sorriso, acrescentando com amabilidade:

- Antes de dar a minha opinião, sei que a tua é a de quem encarou os fatos com o maior otimismo .

- Ora, meu amigo - disse Helvídio, como a justificar-se -, é verdade que a venda de toda a minha criação de cavalos da Idumeia, para as forças em operações, me consolidou as finanças, dispensando-me de maiores cuidados quanto ao futuro da família; mas isso não impede considere a penosa situação desses milhares de criaturas que se arruinaram para sempre. Aliás, se a sorte me favoreceu no plano de minhas necessidades mate-

riais, devo-o principalmente à intervenção de meu sogro, junto do prefeito Lólio Tirbico.

- O censor Fábio Cornélio agiu assim tão decisivamente, a teu favor? - perguntou Fabricius, algo admirado.

- Sim.

- Está, bem - disse Caio já despreocupado -, eu nunca entendi patavina da criação de cavalos da Idumeia ou de bestas da Ligúria. Aliás, o êxito dos teus negócios não altera a nossa velha e cordial amizade . Por Pólux ! . . . Não há necessidade de tantas explicações nesse sentido.

E depois de sorver um trago de Falerno solitamente servido, continuou, como que analisando as próprias reminiscências mais íntimas :

- O estado da Província é lastimável e, na minha opinião, os judeus nunca mais encontrarão na Palestina o benefício consolador de um lar e de uma pátria. Em diversos recontros, morreram mais de cento e oitenta mil israelitas, segundo o conhecimento exato da situação. Foram destruídos quase todos os burgos. Na zona de Betel a miséria atingiu proporções inauditas. Famílias inteiras, desamparadas e indefesas, foram covardemente assassinadas. Enquanto a fome e a desolação ofereceram a ruína geral, também a peste, oriunda da exalação dos cadáveres insepultos. Nunca supus rever a Judéia em tais condições...

- Mas, a quem deveremos inculpar do que ocorre? O governo de Adriano não se tem caracterizado pela retidão e pela justiça? - perguntou Helvídio Lucius com grande interesse.

- Não posso afirmá-lo com certeza - revidou Fabricius, atencioso -; todavia, considero pessoalmente que o grande culpado foi Tineio Rufus, le-

gado pró-pretor da Província. Sua incapacidade política foi manifesta em todo o desenvolvimento dos fatos. A reedificação de Jerusalém com o nome de Elia Capitolina, obedecendo aos caprichos do Imperador, apavora os israelitas, desejosos todos de conservar as tradições da cidade santa. O momento requeria um homem de qualidades excepcionais, à frente dos negócios da Judéia. Entretanto, Tineio Rufus não fez mais que exacerbar o ânimo popular com imposições religiosas de todos os matices, contrariando a clássica tradição de tolerância do Império nos territórios conquistados.

Helvídio Lucius ouvia o amigo, com singular interesse, mas, como se desejasse afastar de si mesmo alguma reminiscência amarga, murmurou :

- Fabricius, meu caro, tua descrição da Judeia me apavora o espírito... Os anos que passámos na Ásia Menor me devolvem a Roma com o coração apreensivo. Em toda a Palestina campeiam superstições totalmente contrárias às nossas tradições mais respeitáveis, e essas crenças estranhas invadem o próprio ambiente da família, dificultando-nos a tarefa de instituir a harmonia doméstica...

- Já sei - replicou o amigo sollicitamente -, queres aludir, com certeza, ao Cristianismo, com as suas inovações e os seus asseclas.

Mas . . . - ajuntou Caio, evidenciando uma atenção mais íntima -, acaso Alba Lucínia teria deixado de ser a segurança vestalina de tua casa? Seria possível ?

- Não - replicou Helvídio ansioso por se fazer compreendido -, não se trata de minha mulher, sentinela avançada de todos os feitos da minha vida, há longos anos, mas de uma das filhas que, contrariamente a todas previsões, imbuíu-se

de semelhantes princípios, causando-nos os mais sérios desgostos.

- Ah ! lembro-me de Helvídia e de Célia, que, em meninas, eram bem dois sorrisos dos deuses na tua casa. Mas tão jovens e dadas, assim, a cogitações filosóficas?

- Helvídia, a mais velha, não se impregnou de tais bruxarias; mas a nossa pobre Célia parece bastante prejudicada pelas superstições orientais, tanto que, regressando a Roma, tenciono deixá-la em companhia de meu pai, por algum tempo . Suas lições de virtude doméstica hão-de renovar-lhe o coração, segundo cremos.

- É verdade - concordou Fabricius -, o venerando Cneio Lucius reformaria para as tradições romanas os sentimentos mais bárbaros de nossas Províncias.

Fizera-se ligeira pausa na conversação, enquanto Caio tamborilava com os dedos, dando a entender a sua preocupação, como se evocasse alguma dolorosa lembrança.

- Helvídio - murmurou o tribuno fraternalmente -, teu regresso a Roma é de causar apreensões aos teus verdadeiros amigos. Recordando teu pai, lembro-me instintivamente de Silano, o pequeno enjeitado que ele chegou quase a adotar oficialmente como próprio filho, desejoso de libertar-te da calúnia a ti imputada no albor da mocidade..

- Sim - disse o anfitrião, como se houvera repentinamente despertado -, ainda bem que não desconheces ser caluniosa a acusação que pesou sobre mim. Aliás, meu pai não ignora isso.

- Apesar de tudo, teu venerável genitor não hesitou em cumular a criança, a ele encaminhada, com o máximo de carinhos...

Depois de passar nervosamente a mão pela frente, Helvídio Lucius acentuou:

- E Silano ? . . Sabes o que é feito dele ?

- As últimas informações davam-no como incorporado às nossas falanges que mantêm o domínio das Gálias, como simples soldado do exército.

- As vezes - ajuntou Helvídio preocupado - tenho pensado na sorte desse rapaz, pupilo da generosidade de meu pai, desde os tempos de minha juventude. Mas, que fazer? Desde que me casei, tudo fiz por trazê-lo à nossa companhia. Minha propriedade da Idumeia poderia proporcionar-lhe uma existência simples e liberta de maiores cuidados, sob as minhas vistas atentas; todavia, Alba Lucínia se opôs terminantemente aos meus projetos, não só recordando os comentários caluniosos de que fui alvo no passado, como também alegando seus direitos exclusivos à minha afeição, pelo que, fui compelido a conformar-me, levando em conta as nobres qualidades da sua alma generosa.

Bem sabes que minha esposa deve receber as minhas atenções mais respeitadas. Não tenho remédio senão aceitar de bom grado as suas afetuosas imposições .

- Helvídio, bom amigo - exclamou Fabricius, demonstrando prudência -, não devo nem posso interferir na tua vida íntima. Problemas há, na vida, que somente os cônjuges podem solucionar, entre si, na sagrada intimidade do lar; mas, não é apenas pelo caso de Silano que me sinto apreensivo, relativamente ao teu regresso.

E fixando o amigo bem nos olhos, rematou:

- Lembras-te de Cláudia Sabina? . .

- Sim . . . - respondeu vagamente .

- Não sei se estás devidamente informado

a seu respeito. Cláudia é hoje a esposa de Lólio, o prefeito dos pretorianos. Não deves ignorar que esse homem é a personalidade do dia, como depositário da máxima confiança do Imperador.

Helvídio Lucius passou a mão pela fronte, como se desejasse afugentar uma penosa recordação do passado, revidando, afinal, para tranquilidade de si mesmo :

- Não desejo exumar o passado, visto ser hoje um outro homem; mas, se houver necessidade de ser prestigiado na Capital do Império, não podemos esquecer, igualmente, que meu sogro é pessoa de toda a confiança, não só do prefeito a que aludes, como de todas as autoridades administrativas.

- Bem o sei, mas não ignoro também que o coração humano tem escaninhos misteriosos... Não acredito que Cláudia, hoje elevada às esferas da mais alta aristocracia, pelos caprichos do destino, haja olvidado a humilhação do seu amor violento de plebéia, espezinhado em outros tempos.

- Sim - confirmou Helvídio Lucius com os olhos parados no abismo de suas recordações mais íntimas -, muitas vezes tenho lamentado o haver autrido em seu coração uma afetividade tão intensa; mas, que fazer? A juventude está sujeita a caprichos numerosos e, a maior parte das vezes, não há advertência que possa romper o véu da cegueira. . .

- E estarás hoje menos moço para que te sintas completamente livre dos caprichos multiplicados da nossa época?

O interpelado compreendeu todo o alcance daquelas observações sábias e prudentes, e como se não lhe provesse o exame das circunstâncias e

dos fatos, cuja lembrança penosa o atormentaria, replicou sem perder o aparente bom humor, embora os olhos evidenciassem uma preocupação amarguosa:

- Caio, meu bom amigo, pelas barbas de Júpiter! não me faças voltar ao pélago escuro do passado. Desde que chegaste, nada me disseste além de assuntos penosos e sombrios. De início, é a miséria da Judéia, de arrepiar os cabelos, com os seus quadros de desolação e ruína e, depois, eis voltado para o passado escabroso, como se não nos bastassem as atuais amarguras.. . Fala-me antes de algo que me consolide o repouso íntimo . Embora não saiba explicar o motivo, tenho o coração apreensivo quanto ao futuro. A máquina de intrigas da sociedade romana aborrece-me o espírito, que nunca encontrou ensejos de lhe fugir ao ambiente detestável. Meu regresso a Roma inquieta-se de perspectivas dolorosas, embora não ouse confessá-lo!...

Fabircius ouviu-o, atento e compungido. As palavras do amigo denunciavam o profundo temor de retornar ao passado tão cheio de aventuras. Aquela atitude súplice atestava que a recordação dos tempos idos ainda lhe palpitava no peito, apesar de todos os esforços para esquecer.

Reprimindo os próprios receios, falou, então, afetuosamente :

- Pois bem, não falaremos mais nisso.

E acentuando a alegria que lhe causava aquele encontro, continuou comovidamente :

- Então, poderia acaso esquecer-me de algo que me pedisses?

Sem mais delonga, encaminhou-se para o átrio onde os serviçais de confiança lhe esperavam as

ordens, regressando à sala acompanhado pelo desconhecido que lhe seguira a liteira, na atitude humilde de escravo.

Helvídio Lucius surpreendeu-se, ao ver a personagem interessante que lhe era apresentada.

Identificara, imediatamente, a sua condição de servo, mas o espanto lhe provinha da profunda simpatia que aquela figura lhe inspirava.

Seus traços de israelita eram iniludíveis, porém, no olhar havia uma vibração de orgulho nobre, temperado de singular humildade. Na fronte larga, notavam-se cãs precoces, se bem que o físico denunciasse a plethora de energias orgânicas da idade madura. O aspecto geral, contudo, era o de um homem profundamente desencantado da vida. No rosto, percebia-se o sinal de macerações e sofrimentos indefiníveis, impressões dolorosas, aliás compensadas pelo fulgor enérgico do olhar, transparente de serenidade.

- Eis a surpresa - frisou Caio Fabricius alegremente : - comprei, como lembrança, esta preciosidade, na feira de Terebinto, quando alguns de nossos companheiros liquidavam o espólio dos vendidos .

Helvídio Lucius parecia não ouvir, como que procurando mergulhar fundo naquela figura curiosa, ao alcance de seus olhos, e cuja simpatia lhe impressionava as fibras mais sensíveis e mais íntimas.

- Admiras-te ? - insistiu Caio desejoso de ouvir as suas apreciações diretas e francas. - Querias porventura, que te trouxesse um Hércules formidando? Preferi lisonjear-te com um raro exemplar de sabedoria.

Helvídio agradeceu com um sinal expressivo,

acercando-se do escravo silencioso, com um leve sorriso .

- Como te chamas? - perguntou solícito.

- Nestório.

- Onde nasceste ? Na Grécia ?

- Sim - respondeu o interpelado com um doloroso sorriso.

- Como pudeste alcançar Terebinto ?

- Senhor, sou de origem judia, apesar de nascido em Efeso . Meus antepassados transportaram-se à Jônia, há alguns decênios, em virtude das guerras civis da Palestina. Criei-me nas margens do Egeu, onde mais tarde constituí família. A sorte, porém, não me foi favorável. Tendo perdido minha companheira, prematuramente, devido a grandes desgostos, em breve, sob o guante de perseguições implacáveis, fui escravizado por ilustres romanos, que me conduziram ao antigo país de meus ascendentes.

- E foi lá que a revolução te surpreendeu?

- Sim .

- Onde te encontravas?

- Nas proximidades de Jerusalém.

- Falaste de tua família. Tinhas apenas mulher ?

- Não, senhor. Tinha também um filho.

- Também morreu ?

- Ignoro. Meu pobre filho, ainda criança, caiu, como seu pai, na dolorosa noite do cativeiro. Apartado de mim, que o vi partir com o coração lacerado de dor e de saudade. foi vendido a poderosos mercadores do sul da Palestina.

Helvídio Lucius olhou para Fabricius, como a expressar a sua admiração pelas respostas desassombradas do desconhecido, continuando, porém, a

interrogar:

- A quem servias em Jerusalém ?

- A Calius Flavius.

- Conheci-o de nome. Qual o destino do teu senhor...

- Foi dos primeiros a morrer nos choques havidos nos arredores da cidade, entre os legionários de Tineio Rufus e os reforços judeus chegados de Betel.

- Também combateste?

- Senhor, não me cumpria combater senão pelo desempenho das obrigações devidas àquele que, conservando-me cativo aos olhos do mundo, há muito me havia restituído à liberdade, junto de seu magnânimo coração. Minhas armas deviam ser as da assistência necessária ao seu espírito leal e justo. Calius Flavius não era para mim o verdugo, mas o amigo e protetor de todos os momentos. Para meu consolo íntimo, pude provar-lhe a minha dedicação, quando lhe fechei os olhos no alento derradeiro.

- Por Júpiter! - exclamou Helvídio, dirigindo-se em alta voz ao amigo - é a primeira vez que ouço um escravo abençoar o senhor.

- Não é só isso - respondeu Caio Fabricius bem humorado, enquanto o servo os observava ereto e digno -, Nestório é a personificação do bom-senso. Apesar dos seus laços de sangue com a Ásia Menor, sua cultura acerca do Império é das mais vastas e notáveis.

- Será possível? - tornou Helvídio admirado.

- Conhece a História Romana tão bem quanto um de nós.

- Mas chegou a viver na capital do mundo?

- Não. Ao que ele diz, somente a conhece

por tradição.

Já convidado pelos dois patrícios, sentou-se o escravo para demonstrar os seus conhecimentos.

Com desembaraço, falou das lendas encantadoras que envolviam o nascimento da cidade famosa, entre os vales da Etrúria e as deliciosas paisagens da Campânia. Rômulo e Remo, a lembrança de Acca Larentia, o rapto das Sabinas, eram imagens que, na linguagem de um escravo, broslavam-se de novos e interessantes matizes. Em seguida, passou a explanar o extraordinário desenvolvimento econômico e político da cidade. A história de Roma não tinha segredos para o seu intelecto. Remontando à época de Tarquínio Prisco, falou de suas construções maravilhosas e gigantescas, detendo-se, em particular, na célebre rede de esgotos, a caminho das águas lodosas do Tibre. Lembrou a figura de Sérvio Túlio, dividindo a população romana em classes e centúrias. Numa Pompílio, Menênio Agripa, os Gracos, Sérgio Catilina, Cipião Nasica e todos os vultos famosos da República foram recordados na sua exposição, onde os conceitos cronológicos se alinhavam com admirável exatidão. Os deuses da cidade, os costumes, conquistas, generais intrépidos e valorosos, eram com detalhes indelevelmente gravados na sua memória. Seguindo o curso dos seus conhecimentos, rememorou o Império nos seus primórdios, salientando as suas realizações portentosas, desde o faustoso brilho da Corte de Augusto. As magnificências dos Césares, trabalhadas pela sua dialética fluente, apresentavam novos coloridos históricos, em vista das considerações psicológicas, acerca de todas as situações políticas e sociais.

Por muito tempo falara Nestório dos seus co-

nhecimentos do passado, quando Helvídio Lucius sinceramente surpreendido o interpelou :

- Onde conseguiste essa cultura, radicada em nossas mais remotas tradições? .

- Senhor, tenho manuseado todos os livros da educação romana, ao meu alcance, desde moço. Além disso, sem que me possa explicar a razão, a Capital do Império exerce sobre mim a mais singular de todas as seduções.

- Ora - ajuntou Caio Fabricius satisfeito - Nestório tanto conhece um livro de Salústio, como uma página de Petrônio. Os autores gregos, igualmente, não têm segredos para ele. Considerada, porém, a sua predileção pelos motivos romanos, quero acreditar haja ele nascido ao pé de nossas portas .

O escravo sorriu levemente, enquanto Helvídio Lucius esclarecia:

- Semelhantes conhecimentos evidenciam um interesse injustificável da parte de um cativo.

E depois de uma pausa, como se estivesse arquitetando um projeto íntimo, continuou a falar, dirigindo-se ao amigo :

- Meu caro, louvo-te a lembrança. Minha grande preocupação, no momento, era obter um servo culto, que pudesse incumbir-se de enriquecer a educação de minhas filhas, auxiliando-me, simultaneamente, no arranjo dos processos do Estado, a que agora serei compelido pela força do cargo.

O anfitrião mal havia concluído o seu agradecimento, quando surgiram na sala a esposa e as filhas, num gracioso cromo familiar.

Alba Lucínia, que ainda não atingira os quarenta anos, conservava no rosto os mais belos traços da juventude, a iluminarem o seu perfil de

madona. Junto das filhas, duas primaveras riso-
nhas, seu aspecto de mocidade ganhava um todo
de nobres expressões vestalinas, confundindo-se com
as duas, como se lhes fora irmã mais velha, ao
invés de mãe extremosa e afável.

Helvídia e Célia, porém, embora a semelhança
profunda dos traços fisionômicos, deixavam trans-
parecer, espontâneamente, a diversidade de tempe-
ramentos e pendores espirituais. A primeira entre-
mostrava nos olhos uma inquietação própria da
idade, indiciando os sonhos febricitantes que lhe
povoavam a alma, ao passo que a segunda trazia
no olhar uma reflexão serena e profunda, como
se o espírito de mocidade houvera envelhecido pre-
maturamente .

Todas as três exibiam, graciosamente, os deli-
cados enfeites do "peplum" em sua feição domés-
tica, presos os cabelos em preciosas redea de ouro,
ao mesmo tempo que ofereciam a Caio Fabricius um
sorriso de acolhimento.

- Ainda bem - murmurou o hóspede com
vivacidade própria do seu gênio expansivo, avan-
çando para a dona da casa -, o meu grande
Helvídio encontrou o altar das Três Graças, en-
tronizando-as egoisticamente no lar. Aliás, aqui
estamos nas plagas do Egeu, berço de todas as
divindades!...

Suas saudações foram recebidas com geral
agrado.

Não somente Alba Lucínia, mas também as fi-
lhas se regozijavam com a presença do carinhoso
amigo da família, de muitos anos.

Em breve, todo o grupo se animava em pa-
lestra amena e sadia. Era o burburinho das notícias
de Roma, de mistura com as impressões da Idu-

meia e de outras regiões da Palestina, onde Helvídio Lucius estagiara junto da família, enfileirando-se as opiniões encantadoras e íntimas, acerca dos pequeninos nadas de cada dia.

Em dado instante, o dono da casa chamou a atenção da esposa para a figura de Nestório, encolhido a um canto da sala, acrescentando entusiasticamente :

- Lucínia, eis o régio presente que Caio nos trouxe de Terebinto.

- Um escravo ? ! . . - perguntou a senhora com entonação de piedade .

- Sim. Um escravo precioso. Sua capacidade mnemônica é um dos fenômenos mais interessantes que tenho observado em toda a vida. Imagina que tem dentro do cérebro a longa história de Roma, sem omitir o mais ligeiro detalhe. Conhece nossas tradições e costumes familiares como se houvera nascido no Palatino. Desejo sinceramente tomá-lo a meu serviço particular, utilizando-o ao mesmo tempo no apuro da instrução de nossas filhas.

Alba Lucínia fitou o desconhecido tomada de surpresa e simpatia. Por sua vez, as duas jovens o contemplavam admiradas .

Saindo, contudo, da sua estupefação, a nobre matrona ponderou refletidamente:

- Helvídio, sempre considere a missão doméstica como das mais delicadas de nossa vida. Se esse homem deu provas dos seus conhecimentos, tê-las-ia dado também de suas virtudes para que venhamos a utilizá-lo, confiadamente, na educação de nossas filhas ?

O marido sentiu-se embaraçado para responder à pergunta tão sensata e oportuna, mas, em seu auxílio veio a palavra firme de Caio, que escl-

receu:

- Eu vo-la dou, minha senhora : se Helvídio pode abonar-lhe a sabedoria, posso eu testificar as suas nobres qualidades morais.

Alba Lucínia pareceu meditar por momentos, acrescentando, afinal, com um sorriso satisfeito:

- Está bem, aceitaremos a garantia da sua palavra.

Em seguida, a graciosa dama fitou Nestório com caridade e brandura, compreendendo que, se o seu doloroso aspecto era, incontestavelmente, o de um escravo, os olhos revelavam uma serenidade superior, saturada de estranha firmeza.

Depois de um minuto de observação acurada e silenciosa, voltou-se para o marido dizendo-lhe algumas palavras em voz quase imperceptível, como se pleiteasse a sua aprovação, antes de dar cumprimento a algum de seus desejos. Helvídio, por sua vez, sorriu ligeiramente, dando um sinal de aquiescência com a cabeça.

Voltando-se, então, para os demais, a nobre senhora falou comovidamente:

- Caio Fabricius, eu e meu marido resolvemos que nossas filhas venham a utilizar a cooperação intelectual de um homem livre.

E, tomando de minúscula varinha que descansava no bojo de um jarrão oriental, a um canto da sala, tocou levemente a fronte do escravo, obedecendo às cerimônias familiares, com as quais o senhor libertava os cativos na Roma Imperial, exclamando :

- Nestório, nossa casa te declara livre para sempre ! . .

Filhas - continuou a dizer sensibilizada, dirigindo-se às duas jovens -, nunca humilheis a

liberdade deste homem, que terá toda a independência para cumprir os seus deveres!...

Caio e Helvício entreolharam-se satisfeitos . Enquanto Helvídia cumprimentava de longe o liberto, com um leve aceno de cabeça, ativa, Célia aproximou-se do alforriado, que tinha os olhos úmidos de lágrimas e estendeu-lhe a mão aristocrática e delicada, numa saudação sincera e carinhosa. Seus olhos encontravam o olhar do ex-escravo, numa onda de afeto e atração indefiníveis. O liberto, visivelmente emocionado, inclinou-se e beijou reverentemente a mão generosa que a jovem patrícia lhe oferecia.

A cena comovedora perdurava por momentos, quando, com surpresa geral, Nestório se levantou do recanto em que se achava e, caminhando até o centro da sala, ajoelhou-se ante os seus benfeitores, osculando humildemente os pés de Alba Lucínia.

Um Anjo E Um Filósofo

O palácio residencial do prefeito Lólio Urbico demorava numa das mais belas eminências da colina em que se erguia o Capitólio.

A fortuna do seu dono era das mais opulentas da cidade, e a sua situação política era das mais invejáveis, pelo prestígio e respectivos privilégios.

Embora descendente de antigas famílias do patriciado, não recebera vultosa herança dos avoengos mais ilustres e todavia, bem cedo o Imperador tomara-o a seu cuidado.

Dele fizera, a princípio, um tribuno militar cheio de esperanças e perspectivas promissoras, para promovê-lo em seguida aos postos mais eminentes. Transformara-o, depois, no homem de sua

inteira confiança. Fêz-lhe doações valiosas em propriedades e títulos de nobreza, espantando-se, porém, a aristocracia da cidade, quando Adriano lhe recomendou o casamento com Cláudia Sabina, plebeia de talento invulgar e de rara beleza física, que conseguira, com o seu favoritismo, as mais elevadas graças da Corte.

Lólio Úrbico não vacilou em obedecer à vontade do seu protetor e maior amigo.

Casara-se, displicentemente, como se no matrimônio devesse encontrar uma salvaguarda total de todos os seus interesses particulares, prosseguindo, todavia, em sua vida de aventuras alegres, nas diversas campanhas de sua autoridade militar, fôsse na Capital do Império ou nas cidades de suas Províncias numerosas.

Por outro lado, a esposa, agora prestigiada pelo seu nome, conseguia no seio da nobreza romana um dos lugares de maior evidência. Pouco inclinada às preocupações de matrona, não tolerava o ambiente doméstico, entregando-se aos desvarios da vida mundana, ora seguindo o plano delineado pelos amigos, ora organizando festivais célebres, afamados pela visão artística e pela discreta licenciosidade que os caracterizava.

A sociedade romana, em marcha franca para a decadência dos antigos costumes familiares, adorava-lhe as maneiras livres, enquanto o espírito mundano do Imperador e a volúpia dos áulicos se regozijavam com os seus empreendimentos, no turbilhão das iniciativas alegres, nos ambientes sociais mais elevados.

Cláudia Sabina conseguira um dos postos mais avançados nas rodas elegantes e frívolas. Sabendo transformar a inteligência em arma perigosa, va-

lia-se da sua posição para aumentar, cada vez mais, o próprio prestígio, elevando, às culminâncias do meio em que vivia, criaturas de nobreza improvisada, para satisfazer facilmente os seus caprichos. Assim que, em torno de seus preciosos dotes de beleza física, borboleteavam todas as atenções e todos os desvelos.

Entardece.

No elegante palácio, próximo do templo de Júpiter Capitolino, paira um ambiente pesado de solidão e quietude .

Recostada num divã do terraço, vamos encontrar Cláudia Sabina em palestra reservada com uma mulher do povo, em atitudes de grande intimidade.

- Hatéria - dizia ela, interessada e discretamente -, mandei chamar-te a fim de aproveitar a tua velha dedicação numa incumbência.

- Ordenai - respondia a mulher de aspecto humilde, com o artificialismo de suas maneiras aparentemente singelas. - Estou sempre pronta a cumprir as vossas ordens, sejam quais forem.

- Estarias disposta a servir-me cegamente, em outra casa ?

- Sem dúvida .

- Pois bem, eu não tenho vivido senão para vingar-me de terríveis humilhações do passado.

- Senhora, lembro-me das vossas amarguras, no seio da plebe .

- Ainda bem que conheceste os meus sofrimentos. Escuta - continuava Cláudia Sabina baixando a voz intencionalmente -, sabes quem são os Lucius, em Roma?

- Quem não conhece o velho Cneio, senhora? Antes de me falardes de vossas mágoas, devo es-

clarecer que sei também dos vossos desgostos, devidos à ingratidão do filho.

- Então, nada mais preciso dizer-te a respeito do que me compete fazer agora. Talvez ignores que Helvídio Lucius e sua família chegarão a esta cidade dentro de poucos dias, de regresso do Oriente. Tenciono colocar-te no serviço de sua mulher, a fim de poderes auxiliar a execução integral dos meus planos.

- Ordenai e obedecerei cegamente .

- Conheces Túlia Cevina?

- A mulher do tribuno Máximo Cunctator?

- Ela mesma. Ao que fui informada, Túlia Cevina foi encarregada, por sua antiga companheira de infância, de arranjar duas ou três servas de inteira confiança e habilitadas a satisfazer os imperativos da atualidade romana. Assim, importa que te apresentes, quanto antes, como candidata a esse cargo.

- Como ? Achais provável que a esposa do tribuno venha a aceitar o meu simples oferecimento, sem referência que me recomende ao seu critério ?

- Precisamos muita ponderação neste sentido. Túlia jamais deverá saber que és pessoa da minha intimidade. Poderias apresentar referências especiais de Grisótemis ou de Musônia, minhas amigas mais íntimas; todavia, essa medida não ficaria bem, igualmente. Suscitaria, talvez, qualquer suspeita, quando eu tivesse mais necessidade de tua intervenção ou de teus serviços.

- Que fazemos, então?

- Antes de tudo, é necessário te capacites da utilidade dos teus próprios recursos, em benefício dos nossos projetos. A aquisição de uma ser-

va humilde é coisa preciosa e rara. Apresenta-te a Túlia com a mais absoluta singeleza. Fala-lhe das tuas necessidades, explica-lhe os teus bons desejos. Tenho quase certeza de que bastará isso para vencermos nossos primeiros passos. Em seguida, conforme espero, serás admitida ao ambiente doméstico de Alba Lucínia, a usurpadora da minha ventura. Servi-la-ás com humildade, submissão e devotamento. até conquistar-lhe confiança absoluta. Não precisarás procurar-me amiúde para não despertar suspeitas em torno de nossas combinações . Virás a esta casa um dia em cada mês, a fim de estabelecermos os acordos necessários. A princípio, estudarás o ambiente e me cientificarás de todas as novidades e descobertas da vida íntima do casal. Mais tarde, então, veremos a natureza dos serviços a executar.

Posso contar com a tua dedicação e com o teu silêncio?

- Estou inteiramente às ordens e cumprirei as vossas determinações com absoluta fidelidade.

- Confio nos teus esforços.

E, assim dizendo, Cláudia Sabina entregou à comparsa algumas centenas de sestércios, em penhor de mútuos compromissos.

Hatéria guardou o preço da primeira combinação, àvidamente, lançando um olhar cúpido à bolsa e exclamando atenciosa:

- Podeis estar certa de que serei vigilante, humilde e discreta.

Caíam as sombras da noite sobre os Montes Albanos, mas a emissária de Cláudia procurou Túlia Cevina, daí a algumas horas, para os fins conhecidos.

A esposa do tribuno Máximo Cunctator, patri-

cia de coração bondoso e afável, recebeu aquela mulher do povo, com generosidade e doçura. As solicitações insistentes de Hatéria confundiam-na. Havia comentado o pedido de sua amiga Alba Lucínia num círculo reduzidíssimo de amizades mais íntimas; entretanto, aquela serva desconhecida não lhe trazia recomendação alguma dos amigos com quem se entendera a respeito. Atribuiu, porém, o fato à tagarelice de alguma escrava que houvesse conhecido o assunto, indiretamente, através de qualquer palestra despreocupada.

A humildade e singeleza de Hatéria pareceram-lhe adoráveis. Suas maneiras revelavam extraordinária capacidade de submissão, desvelada e carinhosa.

Túlia Cevina aceitou-a e, apiedada da sua situação, recolheu-a naquela mesma noite, acomodando-a entre as suas fâmulas.

Daí a dias, a Porta de òstia apresentava singular movimento. Luxuosas viaturas encaminhavam-se para o porto, onde a galera dos nossos conhecidos já havia ancorado.

Nas edificações da praia ensolarada, estalavam os ditos alegres e carinhosos. Uma chusma de amigos e de representações sociais e políticas vinha receber Helvídio e Caio, num dilúvio de abraços carinhosos.

Lólio Úrbico e a esposa chegavam, igualmente, ao lado de Fábio Cornélio e sua mulher Júlia Spinter, velha patricia, conhecida por suas tradições de orgulhosa sinceridade. Túlia Cevina e Máximo Cunctator lá se encontravam, também, ansiosos pelo amplexo fraternal dos amigos, que, por largos anos, se haviam ausentado. Numerosos parentes e afeiçoados disputavam, entre si, o instante de

estreitaram nos braços amigos os queridos recém-chegados, mas, dentre toda a multidão, destacava-se o vulto venerando de Cneio Lucius, aureolado pelos cabelos brancos, que as penosas experiências da vida haviam santificado. Uma atmosfera de amor e veneração fazia-se em torno da sua personalidade vibrante de cultura e generosidade, que setenta e cinco anos de lutas não conseguiram empanar. A sociedade romana havia seguido o curso de todos os seus passos, conhecendo, de longe, as suas tradições de nobreza e lealdade e respeitando nela um dos mais sagrados expoentes da educação antiga, cheia da beleza de Roma, em seus princípios mais austeros e mais simples.

Cneio Lucius soubera desprezar todas as posições de domínio, compreendendo que o espírito do militarismo operava a decadência do Império, esquivando-se a todas as situações materiais de evidência, de modo a conservar o ascendente espiritual que lhe competia. No acervo dos seus serviços à coletividade, contavam-se as providências desenvolvidas pelo Governo Imperial a favor dos escravos que ensinavam as primeiras letras aos filhos de seus senhores, além de muitas outras obras de benemerência social, a prol dos mais pobres e dos mais humildes, a quem a sorte não favorecera. Seu nome era respeitado, não somente nos círculos aristocráticos do Palatino, mas também na Suburra, onde se acotovelavam as famílias anônimas e desventuradas.

Naquela manhã, o rosto do velho patrício deixava entrever o júbilo sereno que lhe palpitava na alma .

Estreitou os filhos longamente de encontro ao coração, chorando de alegria ao abraçá-los; osculou

as netas com paternal contentamento, mas, enquanto as mais festivas saudações eram trocadas entre todos no turbilhão de expressivas demonstrações de afeto e carinho, Cneio Lucius notou que Lólio Úrbico contemplava, com insistência, o perfil de sua nora, enquanto Cláudia Sabina, fingindo absoluto olvido do passado, concentrava a sua atenção em Helvídio, em furtivos olhares que lhe diziam tudo à experiência do coração, cansado de bater entre os caprichosos desenganos do mundo.

Nestório, por sua vez, desembarcado em òstia, por satisfazer velho sonho, qual o de conhecer a cidade célebre e poderosa, sentia estranhas comoções a lhe vibrarem no íntimo, como se estivesse a rever lugares amigos e queridos. Guardava a convicção de que o panorama, agora desdobrado aos seus olhos ansiosos, lhe era familiar, dos mais remotos tempos. Não podia precisar a cronologia de suas recordações, mas conservava a certeza de que, por processo misterioso, Roma estava inteira na tela de suas mais entranhadas reminiscências .

Naquele mesmo dia, enquanto Alba Lucínia e as filhas se retiravam para a cidade, ao lado de Fábio Cornélio e de sua mulher, Helvídio Lucius tomava lugar ao lado do velho genitor, encaminhando-se ao perímetro urbano, sem observarem as horas ou as perspectivas suaves do caminho, plenamente mergulhados, como se encontravam, em suas confidências mais íntimas.

Helvídio confiou ao pai todas as impressões que trazia da Ásia Menor, rememorando cenas ou evocando carinhosas lembranças, salientando, porém, as suas intensas preocupações morais a respeito da filha, cujos conhecimentos prematuros em matéria de religião e filosofia o assombravam, desde

que, acidentalmente, se dera ao prazer de ouvir os escravos da casa, sobre perigosas superstições da crença nova que invadia os setores do Império, em todas as direções. Esclareceu, assim, ante o delicado e generoso mentor espiritual de sua existência, toda a situação familiar, apresentando-lhe os pormenores e circunstâncias, em torno do assunto.

O velho Cneio Lucius, depois de ouvi-lo atentamente, prometeu-lhe auxílio moral, no que se referia à questão, a cuja solução o seu experimentado tirocínio educativo prestaria o mais proveitoso concurso.

Em poucos dias, instalavam-se os nossos amigos na sua magnífica residência do Palatino, iniciando um novo ciclo de vida cidadina.

Helvídio Lucius estava satisfeito com a sua nova posição, salientando-se que, como substituto imediato do sogro nas funções de Censor, estava-lhe reservado um papel relevante na vida da cidade, sob as vistas generosas do Imperador. Quanto a Alba Lucínia, graças aos seus inatos pendores artísticos, auxiliada por Túlia, transformou as perspectivas da velha propriedade, imprimindo-lhes o gosto da época e edificando em cada recanto um fragmento de harmonia do lar, onde o marido e as filhas pudessem repousar das largas inquietações da vida.

Desnecessário dizer que, abonada por Túlia, Hatéria foi admitida no lar, impondo-se a todos por sua humildade habilidosa e conquistando dos avôs confiança plena, em poucos dias.

Na semana seguinte, a pretexto de repousar algum tempo junto do avô, que a idolatrava, foi Célia conduzida pelos pais à residência do mesmo, na outra margem do Tibre, nas faldas do Aventino.

Cneio Lucius habitava confortável palacete de apurado estilo romano, em companhia de duas filhas já idosas, que lhe enchiam de afeto a estrelejada noite da velhice.

Recebeu a neta carinhosa, com as mais inequívocas provas de contentamento.

No dia imediato, pela manhã, mandou preparar a liteira particular para, em sua companhia, oferecer um sacrifício no templo de Júpiter Capitolino.

Célia acompanhou-o calma e prazerosa, embora reparasse os olhares expressivos com que o ancião a observava, ansioso, talvez, por lhe identificar os sentimentos mais íntimos.

Cneio Lucius não estacionou tão somente no santuário de Júpiter, dirigindo-se, igualmente, ao templo de Serápis, onde procurou palestrar com a neta a respeito das mais antigas tradições da família romana. A jovem não lhe contradisse as palavras nem interrompeu a carinhosa preleção, submetendo-se à maior obediência no que se referia à ritualística dos templos, conforme os regulamentos instituídos em Roma pelos padres flamíneos .

A tarde já caía, quando o generoso velhinho deu por terminada a peregrinação através dos edifícios religiosos da cidade. O Sol escondia-se no poente, mas Cneio Lucius desejava conhecer toda a intensidade dos novos pensamentos da neta, conduzindo-a, para esse fim, ao altar doméstico, onde se alinhavam as soberbas imagens de marfim dos deuses familiares.

- Célia, minha querida - disse ele por fim, descansando num largo divã à frente dos ídolos -, levei-te hoje aos templos de Júpiter e de Serápis, onde ofereci sacrifícios em favor da nossa felici-

dade; mais que a nossa ventura, porém, cara filha, eu desejo a tua própria . Notei que acompanhavas os meus gestos e, todavia, não demonstravas devoção sincera e ardente. Acaso, trouxeste da Província alguma idéia nova, contrária às nossas crenças?!...

Ouviu a palavra do venerando avô, com a alma perdida em profundas cismas . Compreendeu, de relance, a situação, e, afeita às rigorosas tradições da família, adivinhou que seu pai solicitara tal providência, no intuito de reformar-lhe os pensamentos, bem como as convicções mais íntimas.

- Querido avô - respondeu de olhos úmidos. nos quais transparecia sublimada inocência -, eu sempre vos amei de toda a minha alma e vós me ensinastes a dizer toda a verdade, em quaisquer circunstâncias.

- Sim - exclamou Cneio Lucius admirado, adivinhando as emoções da adorada criança -, estás no meu coração a todos os instantes. Fala, filhinha, com a maior franqueza! Eu não aprendi outro caminho que o da verdade, junto às nossas tradições e aos nossos deuses..

- De antemão devo esclarecer-vos que foi certamente meu pai quem vos solicitou a reforma de meus atuais sentimentos religiosos .

O venerável ancião fêz um gesto de espanto em face daquela observação inesperada.

- Sim - continuou a jovem -, talvez meu pai não me pudesse compreender inteiramente... Ele jamais poderia ouvir-me satisfatoriamente, sem um protesto enérgico de sua alma; entretanto, eu continuaria a amá-lo sempre, ainda que o seu coração não me entendesse.

- Então, filhinha, porque negaste a Helvídio

as tuas mais íntimas confidências?. ..

- Tentei fazer-lhas um dia, quando ainda nos encontrávamos na Judéia, mas compreendi, imediatamente, que meu pai julgaria mal as minhas palavras mais sinceras, percebendo, então, que a verdade para ser totalmente compreendida precisa ser tratada entre corações da mesma idade espiritual.

- Mas, filha, onde colocas, agora, os laços sagrados da família?

- No amor e no respeito com que sempre os cultivei ; entretanto, avozinho, no campo das idéias os elos do sangue nem sempre significam harmonia de opinião entre aqueles que o Céu uniu no instituto familiar. Venerando e estimando a meu pai, no meu afeto filial e no respeito às tradições do seu nome, esposei idéias que ao seu espírito não é possível aderir, por enquanto...

- Mas, que queres traduzir por idade espiritual ? . .

- Que a mocidade e a velhice, quais as vemos no mundo, não podem significar senão expressões de uma vida física que finda com a morte. Não há moços nem velhos e sim almas jovens no raciocínio ou profundamente enriquecidas no campo das experiências humanas.

- Que queres dizer com isso? - perguntou o ancião altamente admirado. - Tens tão vasta leitura dos autores gregos?! Isso é de estranhar, quando teu pai só há pouco obteve um escravo culto, especialmente destinado a enriquecer a tua e a educação de tua irmã.

- Vovô bem sabe da ânsia de aprender, que sempre me impeliu, desde pequenina. Embora jovem, sinto em meu espírito o peso de uma idade milenária. Em todos estes anos de ausência, na

Província, gastei todo o tempo disponível em devorar a biblioteca que meu pai não podia levar consigo para as suas atividades na Idumeia.

- Filhinha - exclamou o respeitável ancião sinceramente consternado -, não terias agido à moda dos enfermos que, à força de buscarem a virtude de todos os medicamentos ao alcance da mão, acabam lamentavelmente intoxicados ? ! . . .

- Não, querido avô, eu não me envenenei. E se tal coisa houvera acontecido, há mais de dois anos tenho no coração o melhor dos antídotos à influência corrosiva de todos os tóxicos deste mundo .

- Qual ? - interrogou Cneio Lucius sumamente surpreendido.

- Uma crença fervorosa e sincera.

- Colocaste teus pensamentos, neste sentido, sob a invocação dos nossos deuses? . .

- Não, querido avô, pesa-me □confessar-vos, mas, sinto em vosso íntimo a mesma capacidade de compreensão que vibra em minhalma e devo ser sincera. Os deuses de nossas antigas tradições já me não satisfazem...

- Como assim, querida filha? A que entidade dos céus confias hoje a tua fé sublimada e fervorosa? . .

Como se nos seus grandes olhos vibrasse estranha luz, Célia respondeu calmamente:

- Guardo agora a minha fé em Jesus - Cristo, o Filho de Deus Vivo.

- Declaras-te cristã? - perguntou o velho avô empalidecendo.

- Só me falta o batismo.

- Mas, filha - disse Cneio Lucius emprestando à voz uma doce inflexão de carinho -, o Cristianismo está em contradição com todos os nos-

... princípios, pois elimina todas as noções religiosas e sociais, basilares da nossa concepção de Estado e de Família. Além disso, não sabes que adotar essa doutrina é caminhar para o sacrifício e para a morte ? . . .

- Vovô, apesar dos vossos longos e criteriosos estudos, acredito que não chegastes a conhecer as tradições de Jesus e a claridade suave dos seus ensinamentos. Se tivésseis o conhecimento integral da sua doutrina, se ouvísseis diretamente aqueles que se saturaram da sua fé, teríeis enriquecido ainda mais o tesouro de bondade e compreensão do vosso espírito.

- Mas não se compreende uma idéia tão pura, a encaminhar seus adeptos para a condenação e para o martírio, há quase um século .

- Entretanto, avozinho, ainda não atentastes, talvez, para a circunstância de partir do mundo essa condenação, ao passo que Jesus prometeu as alegrias do seu reino a todos os que sofressem na Terra, por amor ao seu nome .

- Desvairas, minha querida, não pode haver divindade maior que o nosso Júpiter, nem pode existir outro reino que ultrapasse o nosso Império. Além disso, o profeta nazareno, ao que sou informado, pregou uma fraternidade impossível e uma humildade que nós outros não poderemos compreender.

Pousou sobre a neta os olhos plácidos, cheios de caridade misteriosa, sentindo, porém, uma comoção mais intensa ao encontrar os dela serenos, piedosos, transparentes de candura indefinível.

- Avôzinho - continuou a dizer com o olhar abstrato, como se o espírito voejasse em recordações queridas e longínquas -, Jesus - Cristo é o Cordeiro de Deus, que veio arrancar o mundo do erro

e do pecado. Porque não lhe compreendermos os divinos ensinamentos, se temos fome de amor em nossa alma? Aparentemente sou uma jovem e vós um homem velho, para o mundo ; no entanto, sinto que nossos pensamentos são gêmeos na sede de conhecimento espiritual...

Da Terra inteira nos chegam clamores de revolta e gritos de batalha... Misturam-se o fel dos oprimidos e as lágrimas de todos os que padecem na humilhação e no cativeiro ! . . .

Tendes conhecimento de todos esses tormentos insondáveis que campeiam em todo o mundo! Vossos livros falam das angústias indefiníveis do vosso espírito sensível e carinhoso. Esses brados de sofrimento chegam até aos vossos ouvidos, a todos os momentos!

Onde estão os nossos deuses de marfim, que não nos salvam da decadência e da ruína?! Onde Júpiter que não vem ao cenário do mundo para restabelecer o equilíbrio da maravilhosa balança da justiça divina?! Poderemos aceitar um deus frio, impassível, que se compraz em endossar todas as torpezas dos poderosos contra os mais pobres e os mais desgraçados? Será a Providência do Céu igual à de César, para cujo poder o mais dileto é aquele que lhe traz as mais ricas oferendas? Entretanto, Jesus de Nazaré trouxe ao mundo uma nova esperança. Aos orgulhosos advertiu que todas as vaidades da Terra ficam abandonadas no pórtico de sombras do sepulcro; aos poderosos deu as lições de renúncia aos bens transitórios do mundo, ensinando que as mais belas aquisições são as que se constituem das virtudes morais, imperecíveis valores do Céu; exemplificou, em todos os seus atos de luz indispensáveis à nossa edificação espiritual

para Deus Todo-Poderoso, Pai de misericórdia infinita, em nome de quem nos trouxe a sua doutrina de amor, com a palavra de vida e redenção .

Além de tudo, Jesus é a única esperança dos seres desamparados e tristes, da Terra, porquanto, de acordo com as suas doces promessas, hão-de receber as bem-aventuranças do Céu todos os desventurados do mundo, entre as bênçãos da simplicidade e da paz, na piedade e na prática do bem .

Cneio Lucius ouvia a neta, em comovido silêncio, sentindo-se tocado de uma inquietação mesclada de encanto, qual a que devesse sentir um filósofo do mundo, que ouvisse as mais ternas revelações da Verdade pela boca de um anjo.

A jovem, por sua vez, dando curso às sagradas inspirações que lhe rociavam a alma, continuou a falar, revolvendo o tesouro de suas lembranças mais gratas ao coração:

- Por muito tempo estivemos em Antipátris, em plena Samaria, junto à Galileia... Ali, a tradição de Jesus ainda está viva em todos os espíritos. Conheci de perto a geração de quantos foram beneficiados pelas suas mãos misericordiosas. fiquei conhecendo a história dos leprosos, limpos ao toque do seu amor; dos cegos em cujos olhos mortos fluiu uma vibração nova de vida, em virtude da sua palavra carinhosa e soberana; dos pobres de todos os matizes, que se enriqueceram da sua fé e da sua paz espiritual.

Nas margens do lago de suas pregações inescutíveis, pareceu-me ver ainda o sinal luminoso dos seus passos, quando, alma em prece, rogava ao Mestre de Nazaré as suas bênçãos dulcificantes ! . . .

- Mas Jesus Nazareno não era um perigoso visionário ? - perguntou Cneio Lucius, profunda-

mente surpreendido. - Não prometia um outro reino, menosprezando as tradições do nosso Império ?

- Vovô - respondeu a donzela sem se perturbar -, o Filho de Deus não desejou jamais fundar um reino belicoso e perecível, qual o possuem os povos da Terra. Nem se cansou jamais de esclarecer que o seu reino ainda não é deste mundo , antes ensinou que a sua fundação se destina às almas que desejem viver longe do torvelinho das paixões terrestres.

Revolucionária a palavra que abençoa a todos os aflitos e deserdados da sorte? Que manda perdoar o inimigo setenta vezes sete vezes? Que ensina o culto a Deus com o coração, sem a pompa das vaidades humanas? Que recomenda a humildade como penhor de todas as realizações para o Céu ? .

O Evangelho do Cristo, que tive ocasião de ler em fragmentos de pergaminho, nas mãos dos nossos escravos, é um cântico de sublimadas esperanças no caminho das lágrimas da Terra, em marcha, porém, para as glórias sublimes do Infinito.

O respeitável ancião esboçou um sorriso complacente, exclamando, bondoso:

- Filha, para nós a humildade e o desprendimento são dois postulados desconhecidos. Nossas águias simbólicas jamais poderão descer dos seus postos de domínio e nem os nossos costumes são passíveis de se acomodarem ao perdão, como norma de evolução ou de conquista...

Tuas considerações, porém, interessam-me sobremaneira. Mas dize-me: onde hauriste semelhantes conhecimentos ? Como pudeste banhar o espírito nessa nova fé, a ponto de argumentares fervorosamente em desfavor das nossas tradições mais antigas?... Conta-me tudo com a mesma sinceri-

dade que sempre reconheci no teu caráter! . .

- Primeiramente, vim a conhecer os ensinamentos do Evangelho, ouvindo, curiosamente, as conversas dos escravos de nossa casa...

Após haver pronunciado essas palavras reticenciosas, Célia pareceu meditar gravemente, como se experimentasse uma dificuldade indefinível para atender aos bons desejos do querido avô, naquelas circunstâncias .

Em seguida, como se travasse consigo mesma um diálogo silencioso, entre a razão e o sentimento, ruborizou-se, como receosa de expor toda a verdade.

Cneio Lucius, todavia, identificou-lhe imediatamente a atitude mental, exclamando :

- Fala, filha! Teu velho avô saberá entender o teu coração.

- Direi - respondeu ela ruborizada, dirigindo-lhe os olhos súplices, na sua timidez de menina e moça. - Vovô, será pecado amar?!

- Certo que não - respondeu o velhinho, adivinhando um mundo de revelações no inopinado da pergunta.

- E quando se ama a um escravo ?

O venerável patrício sentiu constritiva emoção, ao ouvir a penosa revelação da neta adorada; respondeu, contudo, sem hesitar:

- Filhinha, estamos muito distantes da sociedade em que a filha de um patrício possa unir seu destino ao de algum dos seus servos.

Todavia - acrescentou depois de ligeira pausa - chegaste a querer tanto a um homem sujeito a tão dolorosas circunstâncias?

Mas, vendo que os olhos da jovem se umedeciam e adivinhando-lhe as comoções penosas e cons-

tragedoras em face daquelas confidências, atraiu-a num beijo, de encontro ao coração, murmurando-lhe ao ouvido em tom carinhoso :

- Não temas os julgamentos do avôzinho, inteiramente devotado ao teu bem-estar. Revela-me tudo sem omitir detalhe algum da verdade, por mais dolorosa que ela seja. Saberei compreender a tua alma, acima de tudo. Ainda que as tuas aspirações amorosas e os teus sonhos áureos de menina hajam pousado no ser mais abjeto e desprezível, não te amarei menos por isso, e, confiando em ti mesma, saberei respeitar a tua dor e a tua dedicação!

Confortada com aquelas palavras, que deixavam transparecer generosidade e sinceridade absolutas, Célia prosseguiu :

- Faz dois anos que papai nos levou em uma de suas excursões encantadoras, pelo lago extenso, na região onde possuímos a nossa casa. Além de mim, da mamãe e da Helvídia, ia conosco um jovem escravo adquirido na véspera e o qual, em vista da sua perícia nos remos, auxiliava a tarefa de abrir caminho ao longo das águas.

Ciro, chama-se esse escravo de vinte anos, que a vontade do Céu deliberou fosse parar em nossa casa.

Õamos todos alegres, observando a linha do horizonte e o recorte das nuvens no claro espelho das águas marulhantes.

De vez em quando, Ciro me dirigia o olhar lúcido e calmo, que me produzia uma emoção cada vez mais intensa e indefinível.

Quem poderá explicar esse mistério santo da vida ? Dentro desse divino segredo do coração, basta, às vezes, um gesto, uma palavra, um olhar, para

que o espírito se algeme a outro para sempre...

Fez uma pausa na exposição de suas reminiscências, e, observando-lhe a emotividade a desbordar dos olhos úmidos, Cneio Lucius animou-a :

- Continua, filhinha. Faço questão de ouvir e sentir a tua história toda.

- Nosso passeio - prosseguiu ela com os olhos da alma mergulhados no painel de suas mais íntimas recordações - corria sereno e sem tropeços, quando, em dado instante, se levantou uma onda larga, impelida pelo vento forte . Um abalo mais violento, justamente no ponto onde me instalara, fêz-me cair, absorta nos meus pensamentos, de borco no seio espesso das águas..

Ainda ouvi os primeiros gritos de mamãe e da irmãzinha, supondo-me perdida para sempre ; mas, quando me debatia, inutilmente, para vencer o peso enorme que me oprimia o peito, sob a massa líquida, senti que dois braços vigorosos me arrancavam do fundo lodoso do lago, trazendo-me à tona, mercê de um desesperado e imenso esforço.

Era Ciro que me salvara da morte, com o seu espírito de sacrifício e lealdade, conquistando com esse ato espontâneo a gratidão sem limites de meu pai, e de todos nós um reconhecimento carinhoso e sincero .

No dia imediato, meu pai concedeu-lhe a liberdade, muito comovido pelos sucessos da véspera.

No instante da sua emancipação, o jovem libertado beijou-me as mãos com os olhos úmidos, na sua gratidão profunda e sincera, conservando-o meu pai em nossa casa, como serviçal prestimoso e livre, quase um amigo, se outras fôssem as condições do seu nascimento .

Ciro, porém, não me conquistou somente gra-

tidão e estima a toda prova, como também o meu afeto da alma, espontâneo e profundo .

Em tardes serenas e claras, sob as árvores do pomar, contou-me a sua história singular, cheia de episódios interessantes e comovedores.

Em tenra idade, vendido a um rico senhor que o conduziu desde logo ao país do Ganges - terra misteriosa e incompreensível para os romanos -, ali teve ocasião de conhecer os princípios populares de consoladoras filosofias religiosas.

Nessa região do Oriente, cheia de segredos confortadores, ele aprendeu que a alma não tem apenas uma existência, mas vidas numerosas, mediante as quais adquire novas faculdades, purificando-se ao mesmo tempo dos erros passados, em outros corpos, ou redimindo-se das aflições, no doloroso resgate dos crimes ou desvios do seu passado.

Todavia, após a aquisição desses conhecimentos, foi levado à Palestina, onde se saturou dos ensinamentos cristãos, tornando-se adepto fervoroso do Messias de Nazaré ! . .

Então, era de ver-se como a sua palavra se impregnava de inspiração divina e luminosa! . . Apaixonado pelas idéias generosas que trouxera do ambiente religioso da Índia, acerca dos formosos princípios da reencarnação, sabia interpretar com simplicidade e clareza de raciocínio, para mim, muitas passagens evangélicas, algo obscuras para o meu entendimento, qual aquela em que Jesus afirma que "ninguém poderá atingir o reino do Céu sem nascer de novo"! . .

Fosse ao crepúsculo langoroso da Palestina, fosse ao luar caricioso das suas noites estreladas, quando descansava das fadigas do trabalho diuturno, falava-me ele das ciências da vida e da morte,

das coisas da Terra e do Céu, com os dons divinos da sua inteligência, mantendo o meu espírito suspenso entre as emoções da vida física e as gloriosas esperanças na vida espiritual.

Enlevada pela doce carícia de suas expressões e gestos de ternura, afigurava-se-me ele a alma gêmea do meu destino, reservada por Deus a me estimar e compreender, desde as vidas mais remotas.

Durante um ano a vida nos correu em mar de rosas, porque nos amávamos intensamente. Em nossos idílios calmos, falávamos de Jesus e de suas glórias divinas, e, quando eu lhe suscitava a possibilidade da nossa união à face deste munho, Ciro ensinava-me que deveríamos esperar a felicidade no Reino do Senhor, alegando que, na Terra, não era ainda possível um matrimônio feliz, entre um escravo miserável e uma jovem patricia.

Por vezes, entristecia-me com as suas palavras despedidas de esperanças terrenas, mas as suas inspirações eram tão elevadas e tão puras que, num relance, sabia o seu coração levantar o meu para as jornadas da fé, que levam a tudo esperar, não da Terra ou dos homens, mas do Céu e do amor infinito de Deus .

O valoroso ancião tudo ouvia, sem um reproche, embora sua atitude mental se caracterizasse pela mais funda consternação.

Observando que a neta fizera uma pausa na encantadora e triste narrativa, Cneio Lucius interrogou-a com benevolência:

- Qual a atitude desse rapaz para com teu pai ?

- Ciro admirava-lhe a generosidade franca e espontânea, revelando no íntimo a mais santa gratidão pelo seu ato de fraternidade, quando o alfor-

riou para sempre . A todo propósito, ensinava-me a respeitá-lo cada vez mais e a lhe realçar as qualidades mais elevadas; falava-me, constantemente, de suas atitudes generosas, com entusiasmo, admirando-lhe a dedicação ao trabalho e a singular energia.

- E Helvídio nunca soube do teu amor? - perguntou o avô admirado.

- Soube, sim - respondeu Célia humildemente. - Contar-vos-ei tudo, sem omitir um só detalhe.

Em nossa casa havia um chefe de serviço, que dirigia as atividades de todos os servos da família. Pausanias era um coração amigo do escândalo e nada sincero . Meu pai, atendendo à necessidade de viajar constantemente, conservava-o quase como mandatário de sua vontade, em função dos seus numerosos interesses, e Pausanias, muita vez, abusou dessa confiança generosa para estabelecer a discórdia em nosso lar.

Observando a minha intimidade com o jovem liberto, cujos dotes morais tão fortemente me haviam impressionado o coração, esperou, certa feita, o regresso de meu pai, de uma viagem à Idumeia, envenenando-lhe então o espírito com insinuações caluniosas da minha conduta.

- E que fêz Helvídio ? - interrogou o velho bruscamente, cortando-lhe a palavra, como se adivinhasse o desenrolar de todas as cenas ocorridas a distância.

- Repreendeu minha mãe, à speramente, inculcando-a, e chamou-me à sua presença, de maneira que lhe recebesse as admoestações e conselhos necessários, sem jamais permitir que eu lhe expusesse tudo, com a sinceridade e franqueza com que o faço agora.

- E quanto ao liberto?. . - perguntou Cneio Lucius ansioso por conhecer o desfecho do caso.

- Mandou pô-lo a ferros, ordenando a Pausanias lhe aplicasse a punição que julgasse necessária e conveniente.

Atado ao tronco, Ciro foi açoitado várias vezes, pelo crime de me haver ensinado a amar pelo coração e pelo espírito com o mais carinhoso respeito a todas as tradições do mundo e da família , no altar do devotamento silencioso e do sacrifício espiritual .

No segundo dia de seus indizíveis padecimentos, consegui avistá-lo, apesar da vigilância extrema que todos resolveram exercer sobre os meus passos .

Como nos dias de nossa tranqüilidade feliz, Ciro recebeu-me com um sorriso de ventura, acrescentando que eu não deveria alimentar nenhum sentimento de amargor pela decisão de meu pai, considerando que o seu espírito era bom e generoso e que, se não podíamos quebrar preconceitos milenários da Terra, também não deveríamos dar guarida a pensamentos de ingratidão .

O sofrimento, porém - prosseguia a jovem, enxugando as lágrimas de suas reminiscências -, era dilacerante para minha alma.

Reconhecendo a situação penosa daquele que polarizava todas as minhas esperanças, cheguei a maldizer sinceramente da minha posição de afortunada. Que me valiam os mimos da família e as prerrogativas do nome que me felicitava, se a alma gêmea do meu destino estava encarcerada em pavorosa noite de sofrimentos? . .

Expus-lhe, então, minha tortura íntima e os meus amargurados pensamentos. Ciro ouviu-me com resignação e brandura, respondendo-me, depois, que

ambos tínhamos um modelo, um mestre, que não era deste mundo, e que o Salvador nos guardaria no Céu um ninho de ventura, se soubéssemos sofrer com resignação e simplicidade, à maneira dos bem-aventurados de sua palavra sábia e doce. Acrescentou que o Cristo também amara muito e, entretanto, perlustrou os caminhos da incompreensão terrestre, sozinho e abandonado; se éramos vítimas de um preconceito ou de perseguições, tais sofrimentos deviam ser justos, por certo, dados os desvios do nosso passado espiritual, de eras prístinas, acrescentando que Jesus se sacrificara pela Humanidade inteira, embora de coração imaculado como o lírio e manso como cordeiro.

- Que valem nossos sofrimentos comparados aos dele, no alto da cruz da impiedade e da cegueira humanas? - dizia-me valorosamente. - Célia, minha querida, levanta os olhos para Jesus e caminha ! . . Quem melhor que nós poderá compreender esse doce mistério do amor pelo sacrifício ? . . Sabemos que os mais felizes não são os que dominam e gozam neste mundo, mas os que compreendem os desígnios divinos, praticando-os na vida. ainda que nos pareçam as criaturas mais desprezíveis e mais desventuradas. . . Além disso, querida, para os que se amam pelos laços sacrossantos da alma, não existem preconceitos nem obstáculos, no espaço e no tempo. Amar-nos-emos, assim, constantemente, esperando a luz do Reino do Senhor. Soa, agora, o penoso instante da separação, mas, aqui ou além, estarás sempre viva em meu peito, porque hei-de amar-te toda a vida, como o verme desprezado que recebeu o suave sorriso de uma estrela... Poderão, acaso, separar-se os que caminham com Jesus através das névoas da existência

material? Não prometeu o Mestre o seu reino ditoso a quantos sofressem de olhos voltados para o amor infinito do seu coração? Sejam conformados e tenhamos coragem!... Além destes espinhais, desdobram-se estradas floridas, onde repousaremos um dia sob a luz do Ilimitado . Se sofremos agora, deve haver uma causa justa, oriunda de tenebroso passado, em sucessivas existências terrenas. Mas a vida real não é esta, e sim a que viveremos amanhã, no ilimitado plano da espiritualidade radiosa!...

- Enquanto as suas expressões consoladoras me retemperavam o ânimo combalido, via-lhe o rosto macerado e os cabelos empastados de copioso suor, que me deixavam entrever um sofrimento físico martirizante e infinito.

Embora a sua palidez extrema, Ciro me sorria e confortava. Sua lição de paciência e fé embalsamou-me o coração e aquela corajosa serenidade deveria constituir, para mim, precioso incitamento à fortaleza moral, em face das provas.

Consolei-o, então, do melhor modo, testemunhando-lhe minha compreensão funda e sincera, quanto ao sentido daquelas palavras de bondade e ensinamento, compreensão que eu guardaria no imo, para sempre.

Prometemo-nos, reciprocamente, a mais absoluta calma e confiança em Jesus, bem como eterna fidelidade neste mundo, para nos unirmos, um dia, nos céus.

Terminados os rápidos minutos que consegui para falar ao encarcerado, reconstituí as energias interiores da minha fé, enxugando corajosamente as próprias lágrimas.

Procurei minha mãe, implorei sua interces-

são afetuosa, de modo a cessarem as cruéis punições que Pausanias impusera ao bem-amado de minha alma, dando-lhe ciência dos quadros penosos que presenciara.

Ela comoveu-se profundamente com a minha narrativa e obteve de meu pai a ordem para que Ciro fosse libertado, sob certas condições, que, apesar de penosas, constituíram para mim um brando alívio !

- Que condições ? - perguntou Cneio Lucius, admirado, ante o romance comovedor da neta, cujos dezoito anos atestavam a mais profunda intensidade de sofrimento.

- Meu pai acedeu, sob a condição de que não mais avistasse o jovem liberto para qualquer despedida, providenciando, na mesma noite, para que ele fosse, escoltado por dois escravos de confiança, até Cesárea, em cujo porto deveria ser internado numa galera romana, desterrado a critério dos que a comandavam ! . .

- E chegaste, filha, a alimentar algum rancor contra Helvídio, em face da sua atitude?

- Não - respondeu com espontânea sinceridade. - Se tivesse de alimentar qualquer rancor, seria contra o meu próprio destino .

Aliás, Ciro ensinava-me sempre que não podem caminhar para Jesus aqueles que não honrarem pai e mãe, de acordo com os preceitos divinos.

Cneio Lucius encontrava-se eminentemente surpreendido . Quando Helvídio lhe solicitara a intervenção moral junto da neta, longe estava de presumir tão doloroso romance de amor num coração de dezoito anos, cheio de juventude e de piedade. Seu espírito, que conhecia o vírus destruidor que operava a decadência da sociedade mergulhada num

abismo de sombras, extasiava-se com aquela narrativa simples de um amor doce e cristão, que aguardava, pacientemente, o céu para todas as suas realidades divinas. Nenhuma voz da mocidade ainda lhe falara, assim, com tanta pureza à flor dos lábios.

Admirado e enternecido, descansou a face enrugada na mão direita meio trêmula, entregando-se a uma longa pausa para coordenar idéias.

Ao cabo de alguns minutos, notando que a neta aguardava ansiosa a sua palavra, perguntou com a mesma benevolência:

- Minha filha, esse jovem escravo jamais abusou da tua confiança ou da tua inocência?

Ela fixou nele os olhos serenos, em cujo fulgor cristalino podiam ler-se uma candidez e sinceridade a toda prova, exclamando sem hesitar:

- Nunca! Jamais Ciro permitiu que os meus próprios sentimentos pudessem tisonar-se de qualquer tendência menos digna. Para demonstrar-vos a elevação de seus pensamentos, quero contar-vos que, um dia, quando conversávamos à sombra de velha oliveira, notei que sua mão pousara levemente em meus cabelos, mas, no mesmo instante, como se nossos corações se deixassem levar por outros impulsos, retirou-a, dizendo-me comovido :

- Célia, minha querida, perdoa-me. Não guardemos qualquer emoção que nos faça participar das inquietações do mundo, porque, um dia, nos beijaremos no céu, onde os clamores da malícia humana não poderão atingir-nos.

Cneio Lucius contemplou de frente a neta, cuja sinceridade diamantina lhe irradiava dos olhos cândidos e valorosos, exclamando :

- Sim, filha, o homem a quem te consagras

Apoiamos os direitos autorais.
As páginas desta obra que estás a ler em formato digital, são apenas um excerto para efeitos de divulgação de informação e conhecimentos que consideramos importantes estarem acessíveis ao maior número de pessoas, pois sem Conhecimento, Educação e Sabedoria não existe evolução das sociedades.

Se estás a gostar deste livro, por favor apoia o seu criador e as entidades que apoiam a sua distribuição, adquirindo uma versão original.



umanovatterra.pt